

Escolas de lugares pobres

cional

JORNAL DO BRASIL

são desafio cada vez maior

São Paulo — Rogério Montenegro

Ricardo Kotscho

SÃO PAULO — Famílias desestruturadas, a fome rondando, a violência crescente: no fim da linha da desorganização econômica e social, a crise está invadindo as escolas públicas, especialmente as das periferias das grandes cidades do país. É um mundo de mais de 3 milhões de pequenas brasileiras e pequenos brasileiros, onde o ofício de ensinar é uma atividade perigosa que exige dos professores cada vez mais dedicação e solidariedade humana. Um retrato dessa situação pode ser encontrado, por exemplo, na maior cidade do país — São Paulo —, num prédio escolar, na Zona Norte, cuja periferia pobre bate nas encostas da serra da Cantareira.

No meio da tarde, uma notícia corre pela escola: um menino de 8 anos, aluno da 1ª série, tentou se matar jogando-se na frente de um carro. Sua casa fica entre um supermercado e um campo de futebol, e é pintada de verde. Com essas indicações, a professora Maria Clarice da Costa, assistente da diretoria da Escola Estadual de 1º Grau Pastor Paulo Leivas Macalao, corre para lá: felizmente o suicídio foi evitado, e ela consegue acalmar o menino.

Esse garoto tinha medo de ir parar na Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor) porque o pai está internado num hospital e ele não quer ir morar com a mãe, que passou a viver com outro homem. Tentou, então, se matar. Dramas como esse já fazem parte da rotina dos 37 professores dessa escola de 1 mil 200 alunos plantada entre três favelas no alto de um morro dessa extrema periferia da Zona Norte de São Paulo, ao pé da serra da Cantareira.

Por isso, ensinar é apenas uma das tarefas das professoras da periferia, obrigadas a acumular as funções de psicólogas, assistentes sociais, nutricionistas e até detetives. Os furtos de material da escola convivem com crianças que desmaiam de fome nas salas de aula e as marcas da violência da miséria estão estampadas em cada rosto.

Desnutrição — São muito poucos os alunos que conseguem chegar à 8ª série, a última do 1º grau. A evasão escolar pode ser medida por estes números: a Escola Pastor Paulo Leivas Macalao, no Jardim Peri Alto, tem 232 alunos matriculados na 1ª série e apenas 13 na 8ª (na média, o índice de evasão no 1º grau da rede estadual é de 12,07%). Na 1ª e na 5ª séries, o índice de repetência na Macalao chega a 40%, enquanto a média no estado no ano passado foi de 18,53%.

Mais do que os números, porém, é o drama da luta pela sobrevivência de cada um desses alunos que conta melhor como é a vida dos colegiais da periferia de São Paulo neste final dos anos 80. Para começar, a merenda servida pela escola é a única refeição do dia da maioria daquelas crianças — e ela é cada vez mais rala e intragável.

Se os portões de ferro até o teto e os muros de concreto fazem a escola lembrar uma cadeia, imagem reforçada pela estridente sirene que anuncia o início das aulas, mais parecendo um alarme, o mesmo não se pode dizer da comida servida, muito inferior à da Casa de Detenção, por exemplo.

A merenda fornecida pelo governo do estado, que até o ano passado tinha até salsicha, bolo, bolacha e pão, agora se resume a um prato de sopa



Primeiro eles têm fome e falta de afeto: nível de ensino é ficção

e um copo de suco. Um contraste curioso se comparado com a notícia dos gastos com publicidade do atual governo paulista: só nos primeiros seis meses deste ano, CZ\$ 410 milhões. O quadro de desnutrição, que já era muito grave em crianças que só podem fazer uma refeição por dia na sua fase de maior crescimento, ficou dramático e o reflexo disso pode ser constatado na última avaliação feita pela diretoria da escola, Rosa de Almeida Félix:

— Eu sinto que nós não conseguimos mais desenvolver um programa pedagógico. As crianças não acompanham, por mais que esforcem.

Na semana passada, ao receber de volta uma aluna que tinha sido levada sem sentidos para o pronto-socorro, onde se diagnosticou que seu desmaio fora de fome, a diretora juntou tudo o que tinha na sua sala “para essas situações de emergência” — uma lata de ervilhas, um mamão, um pouco de arroz e macarrão —, pôs numa sacola e mandou a menina levar para casa para se tratar.

Esperança — A festa do Dia da Criança, este ano, só foi possível porque as professoras se cotizaram e, guardando dinheiro numa caderneta de poupança desde maio, conseguiram juntar CZ\$ 17 mil, gastos em bolos, refrigerantes e doces.

Dar comida, promover festas com seu próprio dinheiro e até comprar papel higiênico quando a verba para limpeza acaba, apartar brigas, levar para casa crianças que passam mal na escola, convencer meninos revoltados a não matar os padrastos ou madrastras, recuperar livros e bolas que somem da escola — tudo isso que faz o dia-a-dia de um professor numa escola da periferia ainda é pouco diante do problema maior: a carência afetiva.

— O mínimo que podemos fazer é passar a mão na cabeça deles, elogiar um sapatinho diferente, colar uma figurinha no caderno quando o dever está bem feito. Os pais passam o dia todo fora, trabalhando e, ao voltarem tarde da noite estão cansados. O dinheiro nunca dá para a comida. E eles, é claro, não têm paciência com as crianças — observa a assistente Maria Clarice da Costa.

Programa de Domingo, para algumas dessas crianças, é visitar o pai na cadeia. E são frequentes os casos de alunos que aparecem feridos, vítimas dos próprios pais.

A escola acaba sendo, para essas crianças, o último refúgio, a única esperança de uma vida mais decente, mas também ela ameaça desabar, literalmente. O morro sobre o qual foi construída está sofrendo um violento processo de erosão, que já derrubou muitos barracos da favela, e nunca se sabe se, depois de uma chuva mais forte, a escola ainda estará lá para atender a meninas como Judite Ribeiro Queirós, 12 anos, mas aparentando ter 6 ou 7, aluna da 2ª série, que na quinta-feira foi pedir ajuda à diretora Rosa para resolver um problema muito comum no Jardim Peri Alto.

É que o pai está desempregado, a mãe, muito doente, e quem sustenta a família de 14 irmãos é a mais velha, que não tem sapato para ir trabalhar. Pergunta daqui, procura dali, os professores arrumaram um par de sapatos para Judite levar — e assim segue a vida. E a escola fica a alguns quilômetros do palácio de repouso do governador Orestes Quércia, no Horto Florestal, aquele no qual há um projeto para se gastar mais de CZ\$ 3 milhões para reformar um banheiro.